ISSN nº 2447-4266 Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p27

PÓS-VERDADE, ESCRITA E CRÍTICA DAS PRÁTICAS JORNALÍSTICAS

"Embora as fotografias não possam mentir,
os mentirosos podem fotografar"
Lewis Hine

Iniciamos o quarto ano editorial da **Revista Observatório** com diversas mudanças. A primeira e mais visível é a adoção de capas artísticas que passam a ser vistas também como peças criativas, com autoria. No primeiro número de 2018, temos a belíssima foto de Marli Wunder, fotógrafa do Coletivo Fabulografia (Unicamp) que passa a estampar o centro da revista; a segunda e importantíssima, a revista ciente de seu papel como parte importante do processo de divulgação científica, visando garantir a máxima publicização em acesso aberto dos artigos publicados, assume como pilares de seu trabalho a partir de 2018:

- Para **Metadados bibliográficos:** disponibilização de DOI (*Digital Object Identifier*), ORCIDs *(Open Researcher and Contributor ID)*, a data de publicação e o título.
- Inclusão de **Metadados semânticos:** disponibilização não apenas dos metadados simples (informação sobre um artigo). A revista se preocupa com o enriquecimento semântico, criando camadas de informação, por meio dos resumos, palavras-chave, infografias e releases jornalísticos de

ISSN nº 2447-4266 Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p27

divulgação. Estes metadados "enriquecidos" retornam buscas mais precisas e potencializam os artigos publicados.

- Foco na **Granularidade:** a informação presente dentro do artigo é potencializada (infografias e releases jornalísticos de divulgação).

Essa mudança inicia com os números de 2018, mas já está também em produção para os demais números de 2015-2017. Nos próximos meses o enriquecimento semântico e a granularidade alcançarão todos os artigos publicados pela Revista Observatório.

Terceira mudança: começando pelo número 1, teremos mais uma seção na **Revista Observatório**. Trata-se da **Seção Visualidades**. A nova seção receberá documentários (curta e médio), imagens e peças visuais (ensaios fotográficos, vídeos, animações, instalações, pintura, etc.) que abordem as dimensões socioculturais dos processos de produção, veiculação e recepção da comunicação, da construção e da análise do sentido do jornalismo, da sociedade e da educação, focando conteúdos e também aspectos formais, assim como seus aspectos econômicos, históricos, sociais e educacionais, a formulação e o fluxo de políticas públicas e privadas de formação, informação e comunicação. Convidamos você a descobrir cada uma dessas mudanças, que visam tornar a Revista Observatório ainda mais comunicativa e científica.

Nesse número publicamos dois dossiês temáticos: o primeiro intitulado **Pós-verdade, escrita e...,** organizado pelos professores Amanda M. P. Leite, Leon Farhi Neto e Renata Ferreira da Silva, ambos da Universidade Federal do Tocantins (UFT), Brasil, problematizam a *pós-verdade* em outros lugares, meios e relações, enfim, em outros modos de escrita, nos quais e pelos quais também comunicamos e nos tornamos o que somos; o segundo, intitulado **Crítica das práticas jornalísticas,** organizado pela professora Beatriz Marocco, da

ISSN nº 2447-4266 Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p27

Universidade do Vale dos Sinos enfoca as manifestações contemporâneas de crítica das práticas jornalísticas por meio de seis exercícios pontuais de análise.

A "**Pós-verdade"** foi eleita a palavra do ano 2016 pelos responsáveis pela elaboração de dicionários da Universidade de Oxford. A definição refere-se a circunstâncias nas quais os fatos objetivos têm menos influência sobre a formação das opiniões públicas do que o apego a emoções ou a crenças pessoais. Estaríamos numa era de verdades irrelevantes, como aludiu Steve Tesich, dramaturgo que usou a expressão pela primeira vez?

As pessoas tendem a confiar mais nos "amigos" das redes sociais do que na imprensa ou nos órgãos de informação tradicionais. Boatos compartilhados se espalham numa velocidade incrível, e assumem o aspecto e o efeito de verdade. Por outro lado, os meios de comunicação que alertam sobre o risco das "falsas notícias" são os mesmos veículos que as difundem. No regime da pós-verdade, cada um prefere crer no que deseja e interessa crer, negando a ponderação das opiniões e dos fatos divergentes, recusando a argumentação e o franco debate, desconfiando inclusive das evidências científicas. Para Gabriel Priolli, no texto publicado na *Carta Capital* de 13 de janeiro de 2017, à era da "pós-verdade" corresponde, portanto, um "pós-jornalismo". Quem constrói a realidade não é mais aquele que duvida, pergunta, reflete, busca interpretar a complexidade e os paradoxos do mundo, mas aquele que afirma peremptoriamente, sentencia e reitera, conforme os lobbies que faz ou defende.

Estamos cercados pelo excesso de informações e opiniões. Todo mundo tem algo a dizer, mas, no que acreditar? Tanto a política quanto a mídia parecem ter perdido a sua credibilidade. Tudo isto pode ser o sintoma da crise do fato, do objetivo, da verdade e, é claro, das escritas.

ISSN nº 2447-4266 Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p27

Embora o termo "pós-verdade" refira-se, em geral, a esse contexto midiático, em que as mentiras, os rumores e a proliferação de boatos na *Internet* têm se tornado uma ferramenta política (Keyes, 2004; Christofoletti, 2017; Miguel, 2017), desejamos, com a proposta deste dossiê, problematizar a *pós-verdade* também em outros lugares, meios e relações, enfim, em outros modos de escrita, nos quais e pelos quais também comunicamos e nos tornamos o que somos.

Se no universo político-jornalístico a noção de *pós-verdade* reverbera como uma espécie de mentira, neste dossiê tomamos o termo em relação a outros modos de escrita. Nesses outros modos também se coloca a pergunta essencial da circulação da verdade: – afinal, o que pode balizar o verdadeiro e distingui-lo do falso? Será que o *pós* rebaixa a verdade?

Por exemplo, na operação artificial da realidade fotográfica, dispõe-se de técnicas que abrangem desde a pintura, raspagem, desenho, colagem, montagem, até a manipulação digital; reprodução e produção do real convivem, desprendendo a fotografia da noção e da exigência de verossimilhança. No documentário *Jogo de cena* (2007), Eduardo Coutinho permite que ficção, fato e ilusão se emaranhem numa espécie de realidade fílmica, em que não já sabemos distinguir, ou já não importa, quem é o ator e quem é o anônimo que viveu "de verdade" a narrativa. No teatro, histórias de vida são inventadas e encenadas, para, quem sabe, encontrar na própria ficção alguma nova experiência da verdade. Na renovação da literatura autobiográfica, bastam alguns fragmentos de memória, biografemas, para a re-criação de uma experiência, a partir da qual um outro *Eu*, real ou virtual, é re-construído no contato com os acontecimentos.

A proposta deste dossiê não assume, portanto, como uma posição prévia já estabelecida, o regime da "pós-verdade" como um rebaixamento do

ISSN nº 2447-4266 Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p27

valor da verdade, como uma era em que, nos modos de produção escrita, desvaneceu a vontade de verdade. Pelo contrário, propõe-se a "pós-verdade" como elemento de um jogo entre a realidade e a ficcionalidade, a ser trabalhado numa lógica/série que deixe rastros a serem seguidos, ao invés de significantes cujos significados eficazes são garantidos por uma origem transcendente à escrita e supostamente real.

"Pós-verdade", no que se propõe aqui, não denuncia o desprezo das verdades do passado, mas tende à observação das aberturas, frente aos impasses do presente, para verdades futuras, por meio das escritas. Assim, esta proposta vai além da definição dada pelo dicionário *Oxford*. Não se trata da pós-construção de verdades objetivas ou subjetivas, formais ou ideológicas, mas de *(pós-)verdades* lúdicas. Há, nas escritas, uma *pós-verdade* que não seja imediatamente mentira? O que pode a *pós-verdade,* as escritas e...?

Os textos aqui reunidos têm abrangência institucional e regional bastante diversificada. Seus autores são pesquisadores-professores de diferentes localidades e universidades, de diversas áreas do saber, pedagogia, biologia, teatro, filosofia. Suas escritas configuram diversas maneiras de se posicionar, de se inserir, no ambiente atual da pós-verdade, pensando-a, criticando-a, afirmando-a, negando-a, fazendo com ela ou contra ela. Esses textos são de alguma maneira performáticos: em seu exercício próprio de escrita, mostram-nos o acontecimento presente, às vezes, desde uma certa distância, descritivamente ou criticamente, às vezes, totalmente tomados por ele. O leitor pode apreendê-los individualmente, um a um, mas é interessante fazer a leitura do conjunto. Como conjunto, acreditamos, esses textos apresentam múltiplas atitudes possíveis, múltiplos desdobramentos possíveis do pensamento, a partir disso que nos acontece a todos. Na sua disparidade,

ISSN nº 2447-4266 Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p27

eles possuem esse ponto comum: são textos da nossa atualidade, eles a refletem.

As escritas não se restringem às letras. Vivemos em um mundo de experiências estéticas e intelectuais que conectam letra, fala, conceito, imagem, pensamento e corpo. Estamos diante de mais um termo indeterminado? Interessa-nos explorar o deslocamento/transbordamento da escrita no desejo de encontrar outros rastros. O convite ao jogo dado pela relação entre *pós-verdade* e escritas pode nos levar a uma cadeia de suplementares e, por isso mesmo, destravar impasses presentes, e fazer transbordar o texto/termo indo ao encontro das diferenças, das metamorfoses e das variações a que o jogo convoca. Como força suplementar, o dossiê temático *Pós-verdade, escritas e...* não visa à busca reducionista de uma certeza teórica, não se trata da construção de uma verdade na/entre/com/pela escrita, mas de multiplicar as reflexões acerca da *pós-verdade* em escritas que inscrevam seu sentido real de maneira imanente. E então, vamos ao jogo? Convidamos você a ler os artigos que compõem esse dossiê.

No dossiê **Crítica das práticas jornalísticas,** retoma-se o fazer jornalístico. Destaque-se que as práticas jornalísticas têm sido alvo de crítica historicamente. Balzac, no livro *Ilusões Perdidas*, Karl Krause, brilhante editor de *Die Fackel*, ou o sociólogo norte-americano Edward Ross, que identificou as "vacas sagradas" dos jornais, denunciaram com virulência o nascedouro do negócio da imprensa, antes de Pierre Bourdieu escrever *Sobre a televisão*. O próprio jornalismo, a literatura e outros campos teóricos deram consistência a um sem fim de discursos sobre as ações dos jornalistas e dos jornais. Parte-se deste legado para propor a formação de um subcampo dos estudos em jornalismo. Nossa contribuição, neste sentido, reúne seis exercícios pontuais de

ISSN nº 2447-4266 Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p27

análise que esquadrinharam manifestações contemporâneas de crítica das práticas jornalísticas.

Christa Berger, no artigo intitulado **O GOLPE DA MÍDIA: a crítica ao jornalismo no discurso de intelectuais,** acompanhou a crítica feita por intelectuais ao jornalismo durante o processo que desembocou no impedimento da presidenta Dilma Roussef, em junho de 2016. Três textos são exemplares na análise da pesquisadora independente: a entrevista com o norte-americano Glenn Greenwald pela revista *Carta Capital*; o segundo "A velha mídia, o golpe e o Fla-Flu que não houve", de Ednei de Genaro e Robson Gabioneta, publicado no site *Outras Palavras* e, o último, o artigo "Informados e Inteligentes", de Aderbal Freire Filho, publicado no livro *A resistência ao golpe de 2016*.

Ângela Zamin, no artigo intitulado **A CRÍTICA DAS PRÁTICAS NO DIZER DO REPÓRTER,** recolheu fragmentos nos perfis pessoais de jornalistas brasileiros no *Twitter* e *Facebook* em que eles põem às claras as práticas jornalísticas que são naturalizadas pelas condições de possibilidade do ofício: os constrangimentos enfrentados, a preferência pelas versões das agências, a dependência das fontes oficiais e de seus enredos, os erros ou elementos negligenciados no processo de produção.

Na vertente do fotojornalismo, Júlia Capovilla, no artigo intitulado **O RETORNO DA AUTORIA E UMA NOVA CONSCIÊNCIA DOCUMENTAL NO FOTOJORNALISMO CONTEMPORÂNEO**, percorreu os blogs dos jornais de maior circulação do país para compreender o que os fotógrafos pensam sobre as suas práticas. Neste outro espaço, ao romperem com a suposta objetividade da fotografia, os fotojornalistas apontaram para a necessidade de incluir a poética em suas produções, provocando um movimento de "retorno da autoria" e de uma "nova consciência documental".

ISSN nº 2447-4266 Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p27

Esta decisão dos jornalistas de dar a ver a si mesmos provoca um giro na autoralidade que é acompanhado por um novo regime de produção jornalística delineado no "livro de repórter". Pela via do enfoque à prática, o "livro de repórter" é considerado uma forma coetânea de crítica das práticas jornalísticas.

Na segunda parte do dossiê, são analisados *O olho da rua*, escrito por Eliane Brum, *O Nascimento de Joicy*, escrito por Fabiana Moraes, e a coletânea *50 anos de crime* organizada por Fernando Molica.

Sobre o primeiro, faz diferença a dinâmica entre as partes que repete a seguinte ordem: reportagem publicada nas mídias jornalísticas, seguida de uma reflexão original sobre o processo de produção. Nesta sequência entre o material jornalístico (dez reportagens) e a reflexão sobre a prática durante o desenvolvimento de cada uma delas, Beatriz Marocco, no artigo intitulado **CRÍTICA DAS PRÁTICAS JORNALÍSTICAS, UM PEQUENO INVENTÁRIO,** evidenciou a descontinuidade entre os procedimentos de controle discursivo e a resistência a estes, e as marcas de uma prática acompanhada do conhecimento de si, de como esta repercute internamente, e de como se produz nesta relação da repórter consigo um distanciamento com as verdades cristalizadas do jornalismo.

Nestas novas condições de possibilidade, se supõe que no "livro de repórter" se configura um "autor repórter" , que "acolhe a vida para transformá-la em história de vida" (BRUM, 2014, posição 1091, e-book), o que nos levou a situar o "reconhecimento do presente" como uma função destes jornalistas, especificamente. Em sua análise de *O nascimento de Joicy*, Márcia Veiga da Silva, no artigo intitulado **O ENCONTRO ENTRE SUBJETIVIDADE E ALTERIDADE NA CRÍTICA DAS PRÁTICAS JORNALÍSTICAS: aproximações de pesquisa**, adotou o viés de gênero, a partir da epistemologia feminista, para se aproximar da posição de sujeito engendrada por Fabiana Moraes e das

ISSN nº 2447-4266 Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p27

práticas que esta propõe no deslocamento em relação ao modo de objetivação jornalistica.

No encerramento do dossiê, Karine Moura Vieira, no artigo intitulado **SUJEITOS DO BIOGRÁFICO: jornalistas e a construção do status de autoria na produção da biografia como reportagem**, apresenta as reflexões desenvolvidas a partir da tese "Do fazer um saber: a construção do biografar: o discurso de autoria sobre a prática jornalística na produção de biografias por jornalistas brasileiros", e se debruça sobre a constituição dos jornalistas como sujeitos do biográfico. A partir dos discursos das suas práticas enquanto autores de biografias, Alberto Dines, Lira Neto, Mário Magalhães e Regina Zappa refletem sobre a processualidade do biografar, a circulação de saberes e a construção do seu status de autoria.

Abrindo a seção **TEMAS LIVRES**, temos o artigo **HACIA UNA DEFINICIÓN DE COMUNICACIÓN INSTITUCIONAL EN SITUACIONES DE CRISIS** de Luis Gallardo Vera e Juan Pablo Micaletto Belda que discutem a comunicação institucional em tempos de crise. O objetivo é investigar o estabelecimento de uma definição de comunicação institucional em uma situação de crise que dispensa o reducionismo jornalístico e contempla todos os aspectos da comunicação corporativa.

No artigo **TCHAU QUERIDA: Questões de gênero na cobertura da mídia sobre o governo Dilma**, de Fernanda Argolo Dantas e Linda Oliveira Rubim é apresentado o modo como a categoria gênero interfere no enquadramento da mídia sobre as mulheres políticas, em especial na cobertura da imprensa sobre a crise do governo Dilma Rousseff. Por meio de uma abordagem multiperspectivista, foi realizada uma análise crítica da cultura da mídia, considerando as diferentes variáveis que envolvem as pautas.

ISSN nº 2447-4266 Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p27

Já no artigo **LEE MILLER, UMA FOTOJORNALISTA NA LINHA DE FRENTE: reflexões sobre a atuação da mulher na cobertura de guerra**, Kátia Hallak Lombardi recorre às autoras Susan Sontag e Judith Butler para refletir sobre a atuação da mulher na história da fotografia de guerra. Parte-se como objeto de estudo as singularidades da vida e obra da fotógrafa Lee Miller.

Em **A MULHER COMO ALGOZ DE SEU PRÓPRIO CRIME: enquadramento das notícias do estupro coletivo ocorrido no Rio de Janeiro,** Yasmin Ribeiro Gatto e Murilo César Soares analisam as notícias dos jornais digitais O Estado de São Paulo, Folha de São Paulo e do portal de notícias G1 sobre o estupro da menor de 16 anos que ocorreu no Rio de Janeiro em maio de 2016. O foco é analisar de forma crítica o enquadramento dado às notícias, destacando como a vítima, enquanto mulher, foi noticiada.

No artigo **A REPRESENTAÇÃO DA MULHER CONTEMPORÂNEA NA PUBLICIDADE: os jovens ditam as novas tendências**, Lucilene dos Santos Gonzales investiga sobre a representação da mulher brasileira em publicidades de sete revistas nacionais de 2014-15 e verifica se há novas tendências nessa representação, assim como a indicação de tendências inovadoras.

Em **OS IMAGINÁRIOS SOBRE A MULHER NA PUBLICIDADE: a marca Nike**, Maira Guimarães e Emília Mendes analisam a construção dos imaginários sociodiscursivos da mulher presente na publicidade da marca Nike publicada na revista *Tpm*. As autoras apontam para a representação feminina retratando valores e ideologias que se depositam na memória coletiva da sociedade contemporânea atual, como por exemplo, as ideias de preocupação e valorização da estética e do corpo.

No artigo **O CASO ELIZA SAMÚDIO COMO ACONTECIMENTO: fama, anonimato e violência de gênero em nossa sociedade**, Paula Guimarães Simões e Laura Antônio Lima analisam o caso do desaparecimento/assassinato

ISSN nº 2447-4266 Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p27

de Eliza Samúdio a partir da perspectiva teórica do acontecimento (QUÉRÉ, 2005, 2012). As autoras buscam perceber o processo de individuação dessa ocorrência através de três categorias de análise: a descrição, a narração e o contexto de fundo.

Já em **PARTICIPAÇÃO E INSERÇÃO SOCIAL: protagonismo da mulher negra em canais do YouTube** de Cristovao Domingos de Almeida e Beatriz Montalvão Pereira Brandão o objetivo foi destacar as possibilidades de participação na construção de debates políticos acerca das instrumentalidades que a internet oferece. Buscou-se entender de que forma as mulheres negras impulsionam as suas participações através do site de carregamento de vídeos digitais *Youtube*.

Em **MÃES NA MÍDIA: Os discursos sociais sobre maternidade na cobertura dos 'mamaços' no Brasil**, de Irene Rocha Kalil e Ariene Alexsandra Rodrigues, analisam os sentidos sobre a amamentação e maternidade produzidos nos discursos da mídia online durante a cobertura dos 'mamaços'. Para isso, utilizam conceitos da Semiologia dos Discursos Sociais, além de ter, como horizonte teórico, os Estudos de Gênero.

Em **O PLANALTO PAULISTA E A OPÇÃO PELA REGIONALIZAÇÃO DA GAZETA MERCANTIL: Tempos de auge e de crise**, Maria Lúcia de Paiva Jacobini contextualiza e narra a história do encarte regional *Planalto Paulista*, produzido e publicado pelo jornal *Gazeta Mercantil*. Pensado para consolidar a marca do jornal durante seu período de expansão, o *Planalto Paulista* fez parte de um conjunto de outros encartes regionais lançados durante o final da década de 90 e fechados no início dos anos 2000.

No artigo **ÉTICA, DIREITO DE RESPOSTA E A ESTREIA DE LAURO JARDIM EM "O GLOBO",** Daniel Dantas Lemos discute questões ético-morais do jornalismo brasileiro, a partir dos princípios deontológicos da ANJ, da ANER

ISSN nº 2447-4266 Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p27

e da FENAJ, especialmente com relação ao exercício do direito de resposta. O autor utiliza para isso o episódio da estreia do jornalista Lauro Jardim como colunista de "O Globo" e o fato de sua principal manchete em primeira página ter sido objeto de uma errata menos de um mês depois no mesmo espaço editorial.

No artigo **A INFLUÊNCIA ANÁRQUICA E VIOLENTA DOS MEMES NA POLÍTICA BRASILEIRA**, Heitor Pinheiro de Rezende e Luiz Alberto de Farias testam a hipótese de que os *memes* induziram os internautas a interpretações negativas sobre os candidatos e que estas representações foram, em parte, elaboradas por grupos políticos que se beneficiaram do anonimato gerado pelo ambiente digital para depreciar seus adversários.

Em **"OS LEPROSOS DOS ANOS 80", "CÂNCER GAY", "CASTIGO DE DEUS": Homossexualidade, AIDS e capturas sociais no Brasil dos anos 1980 e 1990**, Fábio Leonardo Castelo Branco Brito busca analisa as tentativas de captura social de subjetividades desviantes nas décadas de 1980 e 1990, relacionadas à homossexualidade e à AIDS. Partindo do conceito de dispositivo da sexualidade de Michel Foucault, serão pensados os investimentos discursivos, produzidos na imprensa de ampla circulação.

Já em **DISCURSOS SOBRE A MULHER NO WEBJORNALISMO PIAUIENSE: análise crítica das notícias dos portais Cidade Verde e G1/PI**, Marina Soares Farias Carvalho e Cristiane Portela De Carvalho analisam como os portais de notícias Cidade Verde e G1/PI mostram as identidades femininas, a partir dos discursos presentes nas notícias que possuem a mulher como tema central. Os resultados revelam as identidades da mulher sob a óptica da política e da violência social.

Finalizando a seção, temos o artigo **EXPERIÊNCIAS DE INTERAÇÃO DE BRASILEIRAS COM PUBLICIDADES CONTRAINTUITIVAS PROTAGONIZADAS**

ISSN nº 2447-4266 Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p27

POR MULHERES NEGRAS: recomendações para usos da imagem de negros na mídia, onde Francisco Leite apresenta um recorte de uma pesquisa sobre os nexos de sentido que são produzidos quando da interação de mulheres brasileiras com narrativas publicitárias contraintuitivas que apresentam mulheres negras como protagonistas de seus discursos.

Na seção **ENSAIOS**, o artigo **ENTRE OS FILHOS E ÓRFÃOS DA CIBERCULTURA: Revisitando a noção de nativos digitais**, Gilson Cruz Junior se propõe a problematizar a noção de nativos digitais, discutindo seus limites e possibilidades no tocante ao entendimento acerca das identidades e dos perfis sociocognitivos dos jovens e crianças da contemporaneidade.

E, na seção RESENHAS, temos a percepção de Nayara Lopes Botelho intitulada **DO CONCEITO CLÁSSICO DA ARTE A SUA DESMATERIALIZAÇÃO,** que foca o livro **Arte: resistências e rupturas – Ensaios de Arte Pós-clássica** de *Cristina Costa.*

Finalizando o número, inauguramos a seção **Visualidades**, uma abertura a pesquisas e produções artísticas em diferentes formatos. Interessa-nos expandir as reflexões teóricas também em ensaios fotográficos, instalações, pinturas, desenhos, animações, vídeos/documentários, etc. As produções devem comunicar processos de pesquisa que ocorra nas interfaces entre Comunicação, Educação e Artes.

Assim, apresentamos nesta edição, dois exercícios imagéticos experimentais – **NIILISMO REPAGINADO?**, de Cynthia Mara Miranda e Sonielson Luciano de Sousa e **O TEMPO IMAGÉTICO: a condensação do tempo na imagem fotográfica e a eternidade cíclica na imagem fílmica**, de Adriano Alves da Silva – realizados na disciplina *Narrativas Contemporâneas: Fotografia e Comunicação*, ofertada no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Sociedade da Universidade Federal do Tocantins, em 2017.

ISSN nº 2447-4266 Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p27

Estes exercícios desprendem-se da técnica da composição imagética (audiovisual e fotográfica), para criar uma produção artístico-conceitual, ou seja, pensar temas que percorrem as dissertações de mestrado produzidas no PPGCOM na tentativa de articular pesquisa, Comunicação e produção de visualidades entre realidade e ficção.

Aproveitamos para estender o convite a outros/as pesquisadores/as que desejem colaborar com esta seção. A partir deste ano, todas as chamadas abertas nesta revista terão espaço reservado para a publicação de produções visuais que dialoguem com os títulos propostos para cada dossiê temático. Todas as informações relativas à submissão encontram-se disponíveis na plataforma da revista. Acesse e participe!

Temos certeza de que você terá muito prazer na leitura, visualização e reflexão do novo número da Revista Observatório!

Palmas-TO, São Leopoldo-RS, Janeiro de 2018.

Editores Convidados / Guest Editors / Editores invitados / Rédacteurs invités

Amanda M. P. Leite, Universidade Federal do Tocantins (UFT), Brasil.

Leon Farhi Neto, Universidade Federal do Tocantins (UFT), Brasil.

Renata Ferreira da Silva, Universidade Federal do Tocantins (UFT), Brasil.

Beatriz Marocco, Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Brasil.

Editor Geral / Chief Editor / Editor general

Francisco Gilson Rebouças Porto Junior, Universidade Federal do Tocantins (UFT), Brasil.

ISSN nº 2447-4266 Vol. 4, n. 1, Janeiro-Março. 2018

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n1p27

Referências

CHRISTOFOLETTI, Rogério. Uma consciência 3.0 para as redações. Dossiê Pós-Verdade. **ComCiência – Revista eletrônica de jornalismo científico**. Mar.2017. Disponível em: http://www.comciencia.br/uma-consciencia-3-0-para-as-redacoes/

KEYES, Ralph. **The Post Truth Era**: Dishonesty and Deception in Contemporary Life, (2004).

MIGUEL, Luis Felipe. Os meios de comunicação e a democracia. Dossiê Pós-Verdade. **ComCiência – Revista eletrônica de jornalismo científico**. Mar.2017. Disponível em: http://www.comciencia.br/os-meios-de-comunicacao-e-a-democracia/. Acesso em: 13.jun.2017